

# A CORRESPONDÊNCIA ECONÔMICA DE UMA MULHER NA CRISE DE 1930

**Hildete Pereira de Melo**

**Resumo:** *Este artigo mostra como a rica empresária Eufrásia Teixeira Leite viveu a crise de 1930, através da correspondência recebida de seu agente financeiro em Paris, Albert Guggenheim. As cartas analisadas ilustram de que forma Eufrásia realizava seus negócios financeiros, através do jogo da Bolsa de Valores, comprando e vendendo títulos e ações com tino empresarial na conjuntura econômica conturbada daquele ano. Revela-se uma mulher de 80 anos lúcida e hábil, secundada por um agente fiel.*

**Palavras-chave:** *crise de 1930; gênero; capital financeiro.*

## Introdução

Este trabalho, ao analisar os últimos meses da vida de Eufrásia Teixeira Leite, nascida em 1850 e morta em 1930, busca trazer para o primeiro plano assuntos pouco discutidos na historiografia brasileira, notadamente, as relações das mulheres da elite com o capital financeiro. Os exemplos históricos são escassos, pois poucas mulheres foram senhoras do seu destino, como é o caso da ex-sinhazinha.

A introdução do conceito de gênero nas Ciências Sociais, para além do objeto *mulher* e da perspectiva teórica dos *papéis sexuais*, abriu um importante campo de investigação interdisciplinar. A idéia de que relações sociais de gênero constituem-se em relações antagônicas, assimétricas e hierárquicas, e que elas devem ser interpretadas de um ponto de

vista histórico, permite avançar na compreensão de como se reproduzem as desigualdades entre os sexos. A condição de *ser mulher* tem de ser descoberta e interpretada em cada raça, em cada classe e em cada cultura, para se desvendar como se refunda o processo de constituição do desigual pelo diferente (SCOTT, 1992; SOIHET, 1997, 1998).

A análise do caso de Eufrásia Teixeira Leite foi realizada através de pesquisas no seu volumoso inventário e nas contestações feitas por membros da sua família, inconformados com o destino dado por Eufrásia a sua fortuna. No inventário, foram encontradas diversas cartas trocadas entre ela e seu agente financeiro em Paris, nos meses que antecederam sua morte, cuja leitura permitiu estas reflexões. Este artigo divide-se em duas partes: na primeira, elaboramos um quadro sintéti-

co da crise econômica vivida pela economia mundial e brasileira naquele fatídico ano de 1930. Na segunda, nossos missivistas são apresentados aos leitores e também é discutido o teor das cartas em contraponto com os eventos econômicos e financeiros daqueles meses conturbados pelo avanço da depressão econômica.

## O contexto histórico

O ano de 1930 é emblemático na história do capitalismo pelo vigor da crise que, ao seu longo, atingiu a economia mundial. Esta crise havia começado numa manhã do final de outubro de 1929, na cidade de Nova York, e desencadeou-se depois de vários dias de constantes quedas nas cotações das ações de companhias – os preços das *blue chips*, as mais procuradas – General Motors, RCA, US Steel – despencaram, provocando o *crash* da Bolsa de Valores de Nova York. No final de novembro deste mesmo ano, as ações norte-americanas haviam perdido cerca de 40% do seu valor, tendo esta desvalorização levado à falência uma grande parte dos pequenos e médios investidores da Bolsa.

Participar das atividades da Bolsa estava em voga na sociedade, e a febre especulativa, que havia antecedido aqueles dias, atingiu grandes proporções da população norte-americana que investia suas grandes, pequenas e médias poupanças nos negócios bursáteis. Como uma onda nos meses seguintes, esta crise se espalhou pelos cinco continentes: vivida em sua plenitude no ano de 1930, nesses meses uma profunda recessão abalou a economia mundial, provocada pela falência de bancos e companhias em grande número de países (EICHENGREEN,

2000; LANDES, 1994; DRUMMOND, 1987).

No Brasil, a quebra da Bolsa de Valores de Nova York bloqueou o comércio internacional de café. No final dos anos 20, o país era um exportador de alimentos e matérias-primas: o café representava quase 70% do comércio internacional brasileiro. A crise na economia norte-americana fechou as portas do seu mercado consumidor e estancou os fluxos de investimentos para a nação brasileira. Esta crise advinda do colapso da economia cafeeira teve profundas repercussões na sociedade brasileira: enfraqueceu a oligarquia exportadora de café, e assim, em outubro de 1930, uma revolta militar derrubou o presidente Washington Luís e uma Junta Governativa comandada pelo presidente do estado do Rio Grande do Sul, Getúlio Vargas, assumiu o poder (FURTADO, 1974; PELÁEZ; SUZIGAN, 1976; FAUSTO, 1985; NOGUEIRA, 1988).

Estes acontecimentos, que ficaram conhecidos como a Revolução de 30, marcaram a história brasileira devido ao fortalecimento das classes urbanas e ao declínio gradual do poder da classe agrária, principalmente os produtores de café. Estes eventos propiciaram uma mudança profunda na política e na economia nacional. Mas esses fatos não estão no cenário deste artigo, porque a correspondência aqui analisada refere-se, principalmente, aos meses de janeiro/agosto de 1930, momento em que a incerteza já tomava conta dos investidores estrangeiros e nacionais, mas o poder político nacional ainda não tinha sido mudado.

Em março de 1930, a sociedade brasileira havia promovido a realização da eleição para a escolha do presidente da República; nesta, foi vitorioso o candida-

to da plutocracia paulista Julio Prestes. O pleito não acalmou os ânimos e a agitação política continuou, promovida pelos partidários da Aliança Liberal que não aceitavam a derrota. Portanto, nos meses analisados neste artigo, o que predominava no cenário era a extensão da crise econômica, agora acrescentada da crise política.

### Quem são os missivistas?

Nossos missivistas foram a rica financista brasileira Eufrásia Teixeira Leite (1850/1930) e seu agente financeiro,<sup>1</sup> Alberto Guggenheim,<sup>2</sup> este, radicado em Paris. Eufrásia era neta e filha da elite cafeeira fluminense, dos Teixeira Leite e Correa e Castro, poderosos fazendeiros, mas também financistas do Império e da República.<sup>3</sup> Com a morte dos pais, no início da década de 1870, viajou com sua única irmã para Paris e lá residiu por quase 50 anos.

Eufrásia foi uma mulher além do seu tempo. Herdeira de uma fortuna significativa, que não era um patrimônio de fazendas de café, mas sim uma fortuna monetizada, como demonstra o artigo de Falci e Melo (2002). O fato marcante foi sua capacidade de empreendimento para multiplicá-la e, tratando-se de capital financeiro, sabe-se que o tino do investidor faz a diferença. As cartas apresentadas neste trabalho mostram um pouco disso. Sem dúvida, Eufrásia foi uma aplicada investidora no mercado financeiro internacional. Veio para o Brasil, em meados dos anos 20, mas manteve seus negócios bursáteis na praça parisiense e, mesmo em idade avançada, iniciou um empreendimento imobiliário na Praia de Copacabana na cidade do Rio de Janeiro (FALCI; MELO, 2002). Os quase 50 anos

que habitou em Paris possibilitaram-lhe uma posição privilegiada para concretizar seus negócios financeiros.

Seu biógrafo, Ernesto José Coelho Rodrigues Catharino (1992), afirma que Eufrásia geria seus negócios sozinha e o testemunho de sua criada Cecília (LEITE, 1930)<sup>4</sup> é que ela passava horas respondendo sua correspondência comercial, escrevendo para bancos, comprando títulos e ações. Nas cartas apensadas em seu inventário, surge a figura do senhor Alberto Guggenheim, morador de Paris. Como será visto pela leitura das cartas, este ficou gerenciando os negócios de Eufrásia na capital francesa, dos títulos e ações até a guarda do seu palacete na rua Bassano, nº 40, em Paris.

Ele era formalmente seu empregado, realizando como gerente a administração dos seus bens e o pecúlio que ela legou para ele em seu testamento reforça essa hipótese sobre sua função. Da leitura do inventário não emergiu nenhum outro nome, portanto, é provável que não houvesse outras pessoas envolvidas nos negócios dela; era, seguramente, uma solitária rentista que acompanhava com competência o mercado mundial, e que, no máximo, ouvia os gerentes bancários (FALCI; MELO, 2002). Eufrásia voltou ao Brasil em 1922, por ocasião dos festejos da Independência, com 72 anos; ainda voltou mais uma vez para Paris em 1924, de onde retornou em 1926. Esperava voltar em maio de 1930 para a França, mas a doença a impediu de retornar.

Nos últimos anos de sua estadia no Brasil, Eufrásia viveu entre Vassouras e Rio de Janeiro. Na capital, hospedava-se no Hotel dos Estrangeiros, local especial para uma pessoa de negócios, pela proximidade com os políticos, empresários nacio-

nais e estrangeiros que ali circulavam, como demonstram as crônicas da época. Em Vassouras, vivia na Casa da Hera.

Nas seções abaixo, serão analisadas, em primeiro lugar, as cartas referentes às atribuições gerais de um administrador e, em seguida, aquelas, sobretudo as escritas por Guggenheim, que tratam de assuntos econômicos propriamente ditos. Estas cartas representam um valioso documento sobre os negócios financeiros na turbulência da crise econômica mundial. É interessante notar que Guggenheim, espécie de secretário de Eufrásia em Paris, também possuía conhecimentos econômicos, o que pode ser deduzido pelos comentários feitos por ele sobre os eventos econômicos daqueles meses.

Apesar do agravamento da sua doença, Eufrásia alimentava firmemente a idéia de voltar para a capital francesa. Assim, determinada, escreveu no dia 28 de junho de 1930, ao senhor Guggenheim a seguinte carta:

Não sei quando poderei partir novamente, há três meses estou doente.

Queira entregar esses papéis ao Doutor Barth, rue St. Thomas d'Aquin, nº 2, pedindo-lhe que me responda por avião, se eu posso embarcar, os médicos dizem que não, eu lhe peço [...] tenho grande necessidade de me ir embora.

Veja se não é possível colocar um elevador na casa por causa das escadas. Cuide da casa devido à traças (LEITE, 1930).

Esta carta de Eufrásia foi transcrita na íntegra porque, a nosso juízo, espelha bem o tipo de relação que ela tinha com o senhor Guggenheim: este administrava em Paris sua residência, o palacete da rua Bazzano, jóias e títulos bancários. Pelo tipo de pedido expresso na carta acima,

descartamos a hipótese de que este fosse um refinado agente financeiro que dirigia apenas o *portfólio* dela. Como já foi mencionado, tudo leva a crer que ela agia de forma independente, com uma prática de 50 anos de ações no mercado financeiro, mas atuando solitária na administração desse capital. Eis um exemplo do controle que ela exercia sobre o seu capital financeiro, através de uma carta enviada, em julho de 1930, para a agência do Bank of London & South America Ltd, em Antuérpia (Bélgica):

Senhores:

Tenho a honra de confirmar a VV.SS. pelo presente que achei exatos os extratos de contas (Francos belgas, Libras esterlinas e Dólares), bem como os extratos dos títulos que VV.SS. têm nos meus documentos (LEITE, 1930).

Não se deve esquecer que nestes meses a sua saúde tinha-se deteriorado bastante e, mesmo assim, ela continuava firme no controle de sua fortuna. Talvez a piora no estado de saúde tenha induzido seu amigo Torres Guimarães, a escrever para Guggenheim no dia 10 de julho de 1930, solicitando as seguintes providências quanto aos bens de Eufrásia na Europa:

Pedidos: 1º Fazer chegar às mãos dela, o mais depressa possível, uma relação completa dos títulos e valores que ela possui na Europa; 2º Remeter-lhe a exposição exata da situação atual do negócio Freeman; 3º Mandar arejar a sua casa da rua Bassano, especialmente o andar térreo e fazer o favor de verificar os quadros e objetos não pendurados a fim de evitar possível deterioração – (umidade, ratos, etc); 4º Finalmente a Senhorita Teixeira Leite lhe pede que faça o favor de continuar a guardar por ora o cofre de jóias dela.

[...] Remeto com a presente uma carta relativa/especialmente ao negócio Freeman assinada pela Senhorita Teixeira Leite, para que o Senhor faça uso dela se julgar útil (LEITE, 1930).

O fato de que Guggenheim cuidava de tudo pode ser atestado por outra carta enviada por Eufrásia com data de 14 de julho de 1930:

Ficar-lhe-ia agradecida se fizesse o favor de procurar minha amiga, senhora d'Azevedo Macedo (1, Avenue Bugeaud), a quem mando pedir pelo mesmo correio, que de acordo com o senhor, ela me preste o serviço de verificar minhas pelicas que ficaram em minha casa, ao tempo de minha partida para o Brasil (LEITE, 1930).

Da leitura destas cartas observa-se que Eufrásia esperava vencer a doença que a acometia e estava firme no propósito de voltar à vida parisiense, o que não deixa de ser uma atitude interessante numa mulher com 80 anos, ciosa dos seus bens.<sup>5</sup> Guggenheim presta conta da suas atividades, em carta de 16 de agosto:

Telefonei à Senhora d'Azevedo Macedo propondo-lhe um encontro na rue Bassano. Esta senhora respondeu-me que não havia ainda recebido notícias diretas suas e que me avisará logo que as tiver. Como lhe disse em minha última carta, mandei comprar Fly-Tox e fiz aspergir por toda parte. Verifiquei que as pelicas se acham intactas. O arejamento da casa é feito sob minhas vistas. E posso assegurar-lhe que tudo se acha em bom estado. Acabo de receber seu bilhete de 28 de junho contendo uma carta para o Dr. Barth [...]. Espero que ele lhe autorizará a fazer a viagem (LEITE, 1930).

Acredito que a leitura destas cartas permite concluir que Guggenheim era um empregado, espécie de secretário particular de Eufrásia, hábito comum da elite europeia naqueles anos.

## A correspondência e o mercado financeiro

A primeira carta encontrada no inventário é datada de 4 de janeiro de 1930. Alberto Guggenheim envia notícias da Europa, comenta como o *crash* de Wall Street havia-se propagado pela economia mundial.

O mercado está bem melhor. Começa-se a ficar otimista e se o público mostra ainda certa reserva é porque deseja conhecer o resultado da Conferência de Haia (LEITE, 1930).

Essa conferência havia sido realizada em agosto de 1929, entre as nações vencedoras da Primeira Grande Guerra, tendo como pauta a questão do pagamento das reparações de guerra da Alemanha. Nela, foi apresentado o Plano Young, o qual seria ratificado na primavera de 1930. Guggenheim continua:

[...] Se o plano Young for definitivamente ratificado, a Alemanha será a primeira a se beneficiar disso e a melhoria neste país não deixará de influir favoravelmente em toda parte (LEITE, 1930).

Por este trecho, observa-se que os missivistas estavam bem informados sobre os acontecimentos mundiais e procuravam extrair disso possibilidades de negócios. Assim, a carta continua no mesmo tom:

Aliás, V.S. sabe que o Público só compra na alta. O dinheiro é muito abundante. É provável que o Banco de França reduza a taxa dos adiantamentos, o que só pode ser favorável aos negócios. As Minas de Ouro começam a despertar interesse. Observa-se finalmente que é um negócio em que se pode empregar dinheiro de forma remuneradora (LEITE, 1930).

Este trecho permite discutir o comportamento da política econômica francesa naquele ano. O Estado Francês dispunha de grandes reservas de ouro e assumia uma postura unilateral de não-cooperação com seus antigos aliados e de combate frontal à política econômica da Alemanha. Este país fazia uma política aberta e às escondidas de rearmamento e de revisão do Tratado de Versalhes que lhe tinha imposto pesados pagamentos indenizatórios como reparação de guerra (DRUMMOND, 1987, p. 34). Assim, tanto a França como a Alemanha faziam esforços especiais para melhorar sua situação comercial e isso induzia o missivista a pensar que uma melhoria da crise econômica alemã se refletiria nos negócios em geral. A crise, que havia começado nos Estados Unidos da América, chegava com mais lentidão à Europa; por isso, para Guggenheim a depressão talvez estivesse controlada:

Em conclusão, penso que montamos o cabo e que podemos aguardar a reanimação dos negócios em geral. As praças estrangeiras se acham também mais bem dispostas (LEITE, 1930).

A próxima carta de Alberto Guggenheim para Eufrásia, datada de 10 de maio de 1930, continua discutindo a conjuntura mundial, com interessantes observações sobre as possibilidades de negócios diante do agravamento da crise norte-americana:

Sofremos, ainda uma vez, a influência de Nova York. Ao passo que todas as praças do Continente manifestavam disposições favoráveis, aprouve aos americanos provocar um novo movimento de baixa, [...] provinha, sem dúvida, da baixa do cobre que arrastou os títulos da indústria de cobre (LEITE, 1930).

As perspectivas da economia alemã continuavam como uma grande questão para o mundo financeiro, e Guggenheim comunicava a Eufrásia que o

[...] empréstimo Young será emitido na segunda quinzena de maio, sob a forma de obrigações de 1/2%, ao preço de 95%, amortizáveis em 35 anos (LEITE, 1930).

Todavia, é muito interessante sua observação de que talvez o Estado alemão não cumpra seus contratos e, por isso, desaconselhava este negócio:

É de prever que seja um sucesso e, todavia, eu não aconselho que se tomem essas obrigações, porque minha confiança na Alemanha é muito limitada, estou convencido que ela não cumprirá os compromissos assumidos, e que, dentro de alguns anos, declarar-se-á incapaz de honrar sua assinatura (LEITE, 1930).

Em 17 de maio, escreveu outra carta na qual se nota que sua desconfiança com relação a adquirir títulos do Empréstimo Young era uma questão debatida pelo mercado, dividido quanto à possibilidade de a Alemanha honrar ou não seus compromissos:

Quanto ao empréstimo Young, não se conhecem ainda as condições da emissão, falou-se a princípio de 5 1/2% a 95, parece, porém, que se deseja emitir a obrigação acima do par. A Bolsa é hostil a esse negócio por ser de parecer, como já lhe o disse em minha última carta, que a Alemanha procurará, dentro em pouco, fugir aos seus compromissos (LEITE, 1930).

Um outro ponto debatido nestas cartas refere-se ao clima especulativo que rondava tais negócios:

A emissão das ações do "Banque des Réparations Internationales" provoca descontentamento geral porque ninguém as

terá. Os magnatas se apoderaram delas e para as obter é preciso pagar um prêmio de cerca de Frs. 4.500 – por uma ação de Frs. 12.500 – com um quarto do capital realizado somente. Sendo os seus juros de seis por cento, o rendimento do título, levando em conta o prêmio, é de cerca de 2% (LEITE, 1930).

Ainda em 28 de junho, Guggenheim afirmava que havia um certo clima de euforia na praça financeira:

A melhoria que se verificou no fim da semana passada acentuou-se nesta semana, graças às compras ininterruptas de títulos em carteira. Foi, portanto, o mercado de operações à vista que arrastou o das operações a prazo e que obrigou o descoberto a efetuar resgates. O mesmo parece haver sucedido em Nova York onde os ataques repetidos dos baixistas acabaram por não produzir mais efeito, graças à intervenção dos bancos. A firmeza muito grande que se manifestou na última parte da sessão da Bolsa ontem permite bem augurar o que vai ocorrer a seguir. O movimento de reação operar-se-á lentamente, as ocorrências destes últimos tempos têm vitimado muita gente (LEITE, 1930).

Guggenheim, enquanto operador financeiro radicado na França exprimia, em suas breves análises, o clima reinante na praça parisiense, e situava a Depressão como conseqüência da expansão desmedida do crédito. Acreditava ele que seria melhor deixar o mercado atuar livremente para que as empresas endividadas fossem liquidadas.<sup>6</sup> Esta perspectiva pode ser lida na carta datada de 12 de julho:

Bem que os negócios estejam muito calmos a Bolsa está boa [...]. A Bolsa, não tendo mais preocupações políticas, poderá trabalhar em simpatia com o estrangeiro onde se manifestam desde alguns dias disposições favoráveis. As notícias de Nova York são também melhores” (LEITE, 1930).

O pendor de Eufrásia para as questões econômicas pode ser bem caracterizado no modo pelo qual ela encaminhou a cobrança de um débito; a nosso ver, isto serve bem para demonstrar seu espírito rentista e pode talvez explicar seu comportamento financeiro. Tendo recebido uma herança em 1872, basicamente de dívidas da casa comissária de seu progenitor, conseguiu multiplicar seu patrimônio ao longo de sua vida (FALCI; MELO, 2002). A questão referia-se à cobrança da dívida do senhor W. Freeman. Este havia sumido com títulos que ela havia confiado a sua guarda (LEITE, 1930).<sup>7</sup> Sua insistência nas cartas trocadas com seu agente para resolver esta pendência demonstra sua preocupação com o encaminhamento adequado de seus negócios e a cobrança desse débito pendente. Seu empenho foi tal, que ela sugeriu que este procurasse a mãe de Freeman para relatar o fato e pedir sua interferência na resolução da questão. Ela escreveu:

Peço-lhe o favor de mandar o mais breve possível informações precisas sobre o estado do negócio W. Freeman no que respeita a meus títulos a ele confiados. As cartas e telegramas que eu lhe enviei ultimamente sobre este assunto têm ficado sem resposta, ficar-lhe-ia obrigada se pudesse ir à casa da Senhora Freeman a fim de obter dela o endereço atual do filho. Quero que esta situação seja liquidada dentro do mais breve prazo possível (LEITE, 1930).

Este detalhe é extremamente interessante e permite talvez concluir que as mulheres não separam radicalmente a vida pública da familiar. Eufrásia, diante do impasse, apelou para a mãe do seu devedor.

Na última carta apensada no inventário, datada de 2 de agosto de 1930,

Guggenheim envia o último extrato bancário (julho de 1930) de Eufrásia, bem como a lista das ações e títulos negociados em Paris. Quanto à dívida de W. Freeman, comunica seu ceticismo com relação ao recebimento da mesma e considera que nem o apelo materno resolveria o caso:

Em nova carta que acabo de receber [...] a Senhora me pede várias informações que me apresso em lhe dar. Comunica-me que recebeu a lista dos valores de Antuérpia. Como ela está encerrada em 22 de junho, remeto-lhe aqui junto a discriminação dos títulos comprados desde então, até o dia 31 de julho. Receberá na próxima semana a lista de Paris, fechada em 31 de julho. No que respeita à situação atual do negócio Freeman, ela é a mesma que tem sido desde o início. O Senhor Freeman deve ter se utilizado dos seus títulos para suas necessidades pessoais e é mais provável que os haja vendido desde longo tempo. Segundo seu desejo, escrevo novamente à Senhora Freeman para lhe pedir um encontro a fim de inteirá-la da sua carta. Tê-la-ei ao corrente do que disso resultar.

O arejamento da casa será feito pela mulher do motorista e sob minha fiscalização. Quanto às jóias, estão em segurança. (LEITE, 1930)

Com esta carta encerrou-se esta correspondência. Eufrásia faleceu no dia 13 de setembro daquele mesmo ano.

## À guisa de conclusões

Provavelmente, pelo fato de ser uma mulher, Eufrásia tenha optado por permanecer rentista nas operações do capital financeiro, sem aplicá-lo em atividades produtivas, mantendo a velha tradição de seu pai, esperto comerciante e banqueiro do Rio de Janeiro. Assim, a discriminação que marcava a condição feminina pode ter levado Eufrásia a optar por um comportamento discreto no mundo financeiro, secundado por um agente fiel como parece ter sido Guggenheim. Outras opções seriam assumir a compra de terras e tornar-se uma fazendeira de café como foram seus antepassados, se estabelecer como comerciante ou ter uma casa bancária, como era a tradição familiar. Estas possibilidades eram praticamente inviáveis para uma sinhazinha brasileira, educada para o bastidor e os salões. O jogo da Bolsa de Valores em Paris e a compra de títulos e ações realizados com tino empresarial, como mostram as cartas apresentadas nesse texto, revelam a força de uma mulher de 80 anos lúcida e hábil na condução de seu patrimônio.

*Abstract: This paper shows how the rich businesswoman Eufrásia Teixeira Leite lived the 1930 crisis, through the correspondence received from her financial agent in Paris, Albert Guggenheim. The letters analysed illustrate how Eufrásia conducted her financial business through the Stock Exchange, buying and selling deeds and shares with entrepreneurial flair in the troubled economic climate of that year. She is revealed as a lucid and able eighty-year old woman, supported by a faithful agent.*

*Keywords: 1930 crisis; gender; financial capital.*

## Notas

<sup>1</sup> Foi feita uma pesquisa genealógica sobre ele, mas encontramos dezenas de Albert Guggenheim e as pistas que seguimos não deram em nada, pois não encontramos nenhum que tenha vivido em Paris no período estudado.

<sup>2</sup> As cartas estão originalmente escritas em francês e foram traduzidas no processo de inventário por tradutor juramentado; o português foi atualizado pela autora. Agradecemos ao funcionário Magno da Costa, do CDH, a cópia manuscrita de todas as cartas já que não há serviço de microfilmagem nem é permitida a xerocópia dos citados documentos. Algumas destas cartas foram originalmente publicadas no artigo “Riqueza e emancipação: Eufrásia Teixeira Leite – Uma análise de gênero” de Falci e Melo, 2002, mas, neste trabalho, estas receberam um tratamento diferente.

<sup>3</sup> Sua família foi comissária de café, proprietária de bancos, portanto operava tanto nos negócios agrícolas quanto nas finanças. Nos anos 20, seus primos eram os senhores Leopoldo Teixeira Leite, Antônio Alberto Teixeira Leite e Pedro Correia e Castros, este, antigo diretor do Banco do Brasil, bem como da viscondessa de Taunay, da baronesa do Amparo, de Francisca Belisário Soares de Sousa e Eugenia Teixeira Leite Telles, todos importantes nomes da elite proprietária nacional.

<sup>4</sup> Referência localizada no v. 3 de LEITE, 1930.

<sup>5</sup> A gravidade de sua doença foi atestada pelo médico parisiense em carta a Guggenheim, datada de 18 de agosto de 1930: “Na carta que o Senhor me fez o favor de remeter da parte da Senhorita Teixeira Leite [...] encontrei apenas análises de urina, de sangue, e o resultado de exame radioscópico do estômago. A Senhorita T. não juntou pormenor algum sobre o seu estado de saúde atual, o que me faz supor que não está em estado de escrever. Nestas condições, considerando a porcentagem muito elevada (2gr.35por litro) de uréia no sangue, essa longa viagem por mar não é aconselhável, porque traria o risco de uma grave crise de uremia, muito difícil de tratar a bordo de um navio, por melhor aparelhado que esteja. É melhor um tratamento sério no local e esforçar-se, mediante regime lácteo ou vegetariano severo, prolongado por muito tempo, conseguir uma diminuição grande da uréia sangüínea e melhoria correlativa do estado geral que permita cogitar da viagem à Europa sem risco muito sério” (LEITE, 1930). Nota-se, dessa maneira, que o médico consultado na França avaliava que a saúde de Eufrásia estava debilitada e que desaconselhava a viagem, mas que se poderia ainda prolongar sua vida mediante um tratamento adequado. Infelizmente, isto não aconteceu.

<sup>6</sup> Ver sobre o assunto EICHENGREEN, 2000.

<sup>7</sup> Referência localizada no v. 3 de LEITE, 1930.

**Referências**

- BRENER, Jayme. *1929: a crise que mudou o mundo*. São Paulo: Ática, 1998.
- CATHARINO, Ernesto José Coelho Rodrigues. *Eufrásia Teixeira Leite: fragmentos de uma existência*. Vassouras: Ed. Autor, 1992.
- DRUMMOND, Ian M. *The Gold Standard and the International Monetary System: 1900 - 1939*. London: MacMillan Education, 1987.
- EICHENGREEN, Barry. *A globalização do capital: uma história do sistema monetário internacional*. Rio de Janeiro: Ed. 34, 2000.
- FALCI, Miridan Britto Knox; MELO, Hildete Pereira de. Riqueza e emancipação: Eufrásia Teixeira Leite (uma análise de gênero). *Revista de Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, n. 29, 2002.
- FAUSTO, Boris (Org.). *História geral da civilização brasileira: o Brasil republicano - estrutura de poder e economia (1889-1930)*. São Paulo: Difel, 1985. v. 3.
- FURTADO, Celso. *Formação econômica do Brasil*. São Paulo: Ed. Nacional, 1974.
- LANDCS, David S. *Prometeu desacorrentado*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1994.
- LEITE, Eufrásia Teixeira. [*Inventário*, v. 1, 2, 3]. 1930. Centro de Documentação Histórica (CDH), Universidade Severino Sombra (USS), Vassouras.
- LEITE, Joaquim José Teixeira. [*Testamento*, Livro 29]. 1872. Centro de Documentação Histórica (CDH). Universidade Severino Sombra (USS), Vassouras.
- LEITE, Joaquim José Teixeira. [*Inventário*]. 1873. Centro de Documentação Histórica (CDH), Universidade Severino Sombra (USS), Vassouras.
- NOGUEIRA, Denio. *Raízes de uma nação: um ensaio de história sócio-econômica comparada*. Rio de Janeiro: Forense Universitária; Ed. Universitária Santa Úrsula, 1988.
- PELÁEZ, Carlos Manuel; SUZIGAN, Wilson. *História monetária do Brasil*. Brasília: Ed. da UNB, 1976.
- SCOTT, Joan. História das Mulheres. In: BURKE, Peter (Org.). *A escrita da história: novas perspectivas*. São Paulo: Unesp, 1992.
- SOIHET, Rachel. História das Mulheres. In: CARDOSO, Ciro Flamarion; VAINFAS, Ronaldo (Org.). *Domínios da história*. Rio de Janeiro: Campus, 1997.
- \_\_\_\_\_. História das mulheres e história de gênero: um depoimento. In: BESSA, Karla Adriana Martins (Org.). *Trajetórias do gênero, masculinidades*. *Cadernos Pagu*, Campinas, v. 11, 1998.